

ONZE LIVROS DE FICÇÃO PARA CONHECER A LITERATURA HEBRAICA

Moacir Amâncio (DLO) e Luís Krausz (DLO)

Literatura judaica é uma expressão que abrange escritas em diversos idiomas: iídiche, hebraico e muitos outros em que os judeus escrevem, do alemão de Kafka ao português de Samuel Rawet, do inglês de Philip Roth ao italiano de Giorgio Bassani, Primo Levi e Umberto Saba, do húngaro de Imre Kertész ao francês de Proust etc. As obras escritas nesses últimos idiomas pertencem à literatura portuguesa, inglesa, alemã, italiana, húngara, francesa, respectivamente. Assim como aquelas escritas em iídiche pertencem à literatura iídiche. E as que foram escritas em hebraico pertencem à literatura hebraica, que abrange a Bíblia Hebraica, poemas escritos no correr do primeiro milênio da era comum, poemas, filosofia e gramática escritas na Espanha medieval (onde os judeus também escreviam em árabe), a literatura rabínica que se estende pelos milênios, até o final do século 18, quando é deflagrado na Alemanha o iluminismo judaico, a Ilustração (Hascalá), que assumiu o hebraico por idioma nacional dos judeus, retomando essa língua no âmbito da criação literária. Pouco mais de um século depois o hebraico voltava a ser uma língua vernácula (depois de cerca de dois mil anos de quase silêncio), sendo escrita e falada pela população do então futuro Israel. Neste breve roteiro o estudante e o leitor em geral poderão começar a descobrir a literatura produzida num país jovem (oficializado em 1948 pela ONU), mas vinculado a uma tradição milenar. Esses dois universos convivem e se chocam na ficção dos escritores israelenses, cujo idioma começou a ser recuperado para a literatura ficcional no fim do século 18 durante o movimento iluminista judaico na Europa, a Hascalá (Instrução), e hoje faz parte do mapa literário mundial, com autores traduzidos e estudados nas mais variadas partes do mundo.

1. **Nova e velha pátria** – Esta antologia é uma introdução à expressão literária judaica e israelense, pois reúne autores desde o início da Hascalá, o Iluminismo judaico, iniciado na Alemanha em fins do século 18, com o objetivo de inserir os judeus europeus na vida plena dos países onde viviam. Vem daí uma literatura

- ídiche (o idioma germânico com vocábulos hebraicos, aramaicos, eslavos etc.), escrito em caracteres hebraicos, e a literatura hebraica europeia que está na raiz da literatura que seria escrita em Israel, no idioma dos profetas. **Intr. e notas de J. Guinsburg, vários tradutores, Perspectiva, São Paulo, 1966.**
2. **A geração da terra** – Outra antologia de interesse nesta pauta, pois apresenta os primeiros autores que se expressaram literariamente em hebraico tendo este idioma como primeira língua a ser falada, por terem nascido na Terra de Israel ou por lá terem crescido. Um momento muito especial dessa literatura, que revelou nomes até hoje em circulação em Israel e outros países, como Moshê Shamir, Yoram Kaniuk e S. Izehar. **Vários tradutores, Summus, SP, 1983.**
 3. **O amante** – Neste livro, A. B. Yehoshua mostra-se um romancista importante, com uma obra que ao mesmo tempo expõe elementos críticos da sociedade israelense que a essa altura já “funcionava” como uma dinâmica própria, com suas próprias contradições, e nesse sentido era uma grande novidade mundial: o Estado de Israel não tinha apenas 25 anos de existência, desde a proclamação da ONU em 1948, mas mostrava um perfil único. O romance se passa durante a guerra de 1973 e reúne personagens judeus (asquenazitas e sefarditas), árabes, laicos e religiosos numa trama dramática que vai do problema pessoal cruzado pelas tensões políticas e sociais constantes em Israel. **Tradução de Rifka Berezin, Nancy Rozenchan e Nora Rosenfeld, Summus Editorial, SP, 1984.**
 4. **Adam filho de cão** – Yoram Kaniuk criou uma das mais polêmicas obras a respeito da Shoá, o Holocausto, até hoje, ao centralizar sua história num palhaço de circo judeu alemão que sobrevive à matança promovida pelos nazistas ao aceitar um pacto oferecido pelo comandante do campo de extermínio: o palhaço deveria fazer graças para os prisioneiros prestes a serem executados nas câmaras de gás, pois o oficial não tolerava ouvir gritos de pânico e outras expressões desagradáveis. A condição era que o palhaço vivesse de quatro juntamente com o cão do comandante. Ele aceita, faz graças inclusive para a mulher e a filha e sobrevive, indo para Israel, onde se defronta com a consciência, enlouquece e é internado num hospício para sobreviventes da Shoá. A veia cômica, marca de Kaniuk, está presente nesse livro pioneiro, estranho e perturbador. **Tradução de Nancy Rozenchan, Editora Globo, SP, 2003.**
 5. **Partes humanas** – A autora, Orly Castel Bloom, pertence à mesma geração de Etgar Keret, que se firmou literariamente a partir dos anos de 1980. O espírito

crítico sarcástico e impiedoso domina esse romance que se passa num Israel ao mesmo tempo reconhecível, mas com traços de ficção científica, assolado por um inverno excessivo e pelos atentados terroristas diários. O presidente do país, de personalidade figurativa, torna-se uma caricatura de político cujo papel é comparecer a velórios e consolar formalmente as famílias das vítimas. Tudo é visto através dos mídia, num mundo em que a imagem substitui a realidade para se tornar, ela própria, a realidade. **Tradução de Viviane Gouveia, Imago, Rio, 2003.**

6. **Passado contínuo** – Publicado originalmente em 1977, esse romance de Yaakov Shabtai consagrou-se como um dos melhores livros do gênero jamais criados em hebraico. Em um único parágrafo do começo ao fim, Shabtai persegue os conflitos pessoais de três amigos em Tel Aviv, tendo como elemento básico da narrativa os sonhos e o desencanto com o projeto de um país que trocara o sonho inicial, carregado de utopias e pureza, por uma realidade individualista e consumista, onde as perspectivas se estreitam e parecem sem saída. O individual e o coletivo se cruzam de maneira dinâmica, numa narrativa de alta tensão dramática, resultado do domínio técnico do autor, o que permite colocá-lo ao lado dos grandes romancistas contemporâneos em nível internacional. **Tradução de Nancy Rozenchan, Imago, Rio, 1996.**
7. **O minotauro** – Romance de Benjamin Tammuz, escritor e diplomata, que rompeu com a tradição da literatura israelense predominante até então, de focar a cena local, às vezes, como se ela fosse isolada no planeta. O romance se passa, na maior parte, na Europa e a personagem central é um agente secreto obcecado por uma jovem inglesa, a quem ele começa a manipular através de cartas misteriosas. O suspense da narrativa não é o único elemento notável. O leitor encontrará aí uma representação delicada das questões humanas e suas angústias num universo que tende a anulá-las por força das ações políticas, dos conflitos, da violência. **Tradução de Nancy Rozenchan, Editora Rádio Londres, Rio, 2015.**
8. **De amor e de trevas** – Amós Oz, o mais conhecido narrador israelense da atualidade, dedica-se nesse livro a criar um painel das experiências em seu país, dos pioneiros provenientes da Europa até a construção de Israel, marcado pelo anúncio do reconhecimento feito pela ONU em 1948. História de tom autobiográfico, evoca a origem europeia dos pais de Oz, e a vida deste no kibutz

e em Jerusalém, permitindo o empreendimento de uma viagem pela humanidade numa região que desde o início do século 20 até hoje não conheceu a paz.

Tradução de Paulo Geiger, Editora Companhia das Letras, SP.

9. **Etgar Keret** – “De repente uma batida na porta” é uma coletânea de contos curtos, especialidade do autor, mestre da ironia e do absurdo a partir da sociedade em que vive, mas de significado claro para o leitor de qualquer lugar do planeta, visto como aldeia global. **Tradução de Nancy Rozenchan, Editora Rocco, Rio, 2014.**
10. **Hóspede por uma noite** – Um dos grandes romances de S. I. Agnon, Prêmio Nobel de 1966. O autor dedica-se aqui ao seu tema crucial: a impossibilidade de recuperar a tradição e ao mesmo tempo de aderir incondicionalmente ao contemporâneo. O escritor, nascido na Galícia (não confundir com Galiza, Espanha), formou-se na Europa e depois mudou para a Terra de Israel, retornando à Europa e outra vez indo para Jerusalém. Surgiu da literatura hebraica europeia e se tornou o maior representante da literatura hebraica da atualidade, seja pelo tratamento estilístico seja pela profundidade e criatividade da sua ficção. É o embate entre o velho e o novo e os impasses que surgem a partir daí, num drama imediatamente judaico, com as peculiaridades dessa experiência, mas que dizem respeito a qualquer cidadão do planeta. **Tradução de Zipora Rubinstein, Perspectiva, SP, 2015.**
11. **Boas pessoas** - Nir Baram, nascido em 1976 em Tel Aviv, representa uma nova tendência na literatura hebraico-israelense, desta vez voltada para a história europeia a partir de 1938, envolvendo um publicitário que se engaja na campanha nazista na Alemanha, e uma judia russa cujos pais caíram em desgraça como “inimigos do povo”. Ou seja, a história ocidental vista de Israel na atualidade. **Tradução de Nancy Rozenchan, Editora Alfaguara, Rio, 2015.**